

Lições da Psicose¹

Marcus André Vieira

Introdução ao curso: Considerações sobre o título

Sobre a idéia de psicose é bom lembrar que ela consiste em uma escolha. Poderíamos nos situar num ponto do censo comum e falar vagamente de loucura, salvaguardando dessa forma todo o fascínio, mistério, genialidade, sabedoria à que a palavra loucura remete. Porém, correríamos o risco de ficar mergulhados nesse fascínio. Poderíamos também, do outro lado, chamar de esquizofrenia, como nos é conhecida através do DSM e CID, e estríamos nas gavetas das classificações e sobretudo numa certa disposição (ou indisposição) em relação ao louco que consistiria em chamá-lo de doente ou afetado por um mal em sua maquinaria biológica. Dessa forma, psicose parece um ótimo termo, principalmente por Lacan o ter escolhido estraindo-o da psiquiatria, para situar esse sujeito que está entre o louco e doente ou entre o gênio e o doente.

Agora, Lições. Lições porque é possível aprender algo sobre a psicanálise da mesma forma que é possível a psicanálise aprender algo sobre si mesma a partir do contato com o psicótico. E é esperado que nesse encontro o psicótico também aprenda algo com seu analista.

Se acreditarmos nisso, nessa proximidade, acabamos por dizer que tem algo em comum entre a experiência analítica e a experiência psicótica. Partiremos desse ponto de aproximação, com a ressalva de que ela não seja apenas a idéia da psicose como "o inconsciente a céu aberto" (uma espécie de clichê, como se o psicótico fosse um objeto a ser estudado, um tipo de curto circuito de acesso ao inconsciente) e sim que essa aproximação seja entendida como uma semelhança de experiências. Uma aproximação muito mais entre psicótico e analista do que uma aproximação neurose e psicose². Uma vez que o o psicótico faz artesanalmente uma certa passagem de um singular completamente inominável e estranho para o universal do mundo.

Secretários do Alienado

Metáforas e Matemas

Uma vez estabelecido que partiremos do singular talvez o melhor acesso sejam Metáforas. Metáforas são elementos gerais comuns a todos, mas que ao mesmo tempo não dizem muito por precisarem de um algo a mais. Mesmo assim podemos concordar que elas satisfazem. Por exemplo, Lacan fala que o analista deve ser o secretário do

¹ Seminário introdutório ao Curso Lições Sobre a Psicose da EBP-Rio, ministrado em 16 de agosto de 2007.

² Mantenhamos a diferenciação entre neurose e psicose, mas não percamos de vista que em ambas estruturas tem-se que fazer alguma coisa para que seu singular se encaixe no mundo sem perder sua estranheza e inominabilidade. Caso fosse dar um nome para esse estranho perdendo algo disso a empreitada seria fácil, e bem fazemos isso o tempo todo. E justamente por isso o alguma coisa insiste em não ser nomeada e um certo desenlace com isso – o psicótico pode nos ensinar algo assim como talvez de uma outra maneira pode-se usar isso voltando sobre a neurose.

alienado³. Entendemos que isso significa, imaginamos uma secretária e por analogia isso nos dá uma certa orientação. As metáforas do Lacan já não satisfazem tanto, como essa do secretário, mas a gente se satisfaz com tantas. Por exemplo, o escriba ou ainda outras: poder contratual do psicótico, contrato, território, todas do campo da saúde mental. Mas percebam que ela só funciona se nós tivermos alguns valores em comum. Lacan diz: "O psicótico é o verdadeiro homem livre", mas ela requer que todos partilhem o ideal de liberdade. Dados alguns ideais compartilhados as metáforas funcionam. Rompem-se tais ideais, as metáforas se perdem. Ela nomeia algum real do sujeito. A metáfora tem um poder de fogo localizado, mais ainda assim potente.

Podemos agora caminhar da metáfora ao matema. Ainda que não se saiba o que esté último termo vem a dizer, sabe-se que ele é um pouco diferente da metáfora. O matema⁴ é justamente tentar dizer alguma coisa que também nomeie esse tal real do sujeito, mas que possa ser usada em outros contextos. Em outros termos, é qualquer articulação de coisas ditas que funcionam por si só. Não é apenas colocar em um esquema. Matema seria algo assim. Valendo-se do Caetano Veloso: "Tudo certo como dois e dois são cinco". Não é metáfora, mas não pensem que por ter números ser uma matema. Isso diz alguma coisa. Quer dizer que está errado, porém ao dizê-lo [o matema] nós não dizemos aquilo que ele significa. "Tudo certo como dois e dois são cinco" é bem diferente de dizer que está tudo errado.

Claro que metáfora e matema se misturam e que ele também tem aquela "propriedade" da metáfora, a saber, ter que estar inserido em um dado contexto para seu entendimento, mas compradado com outras metáforas não. Talvez se eu traduzir para outra língua ainda funcione. A diferença também não jaz no fato de que o matema seja universal, mas ele faz uma certa articulação de nomes (não é porque seja número que não seja nome) que funciona por si só, pode se transmitir para outros ambientes.

Não nos satisfaremos com o que ela satisfazem e exigiremos delas um pouco mais. Porque é exatamente esse a mais que vai servir de diversas maneiras.

Lugar: O Secretariado

O que seria essa posição de secretário do alienado? O que seria isso que Lacan propõe que já é entre dois. A gente pode fazer duas posições extremadas e dizer que a nossa não será nenhuma das duas. De um lado alguém dizer para louco: "- Eu te entendo, tu és meu irmão."⁵ E do outro extremo é dizer "Esse aqui é psicótico, ele nasceu psicótico, ele ter o ser do psicótico"⁶ Dessa forma ele se torna completamente outra coisa, tem apenas uma espécie de caridade em dizer que ele é ser humano.

No meio dessas duas posições encontramos o secretário. Seria ele um mediador? Mediador não seria um bom termo graças ao seu extensivo uso para

³ "Vamos aparentemente nos contentar em passar por secretários do alienado. Empregam habitualmente essa expressão para censurar a impotência dos seus alienistas. Pois bem, não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta – o que até aqui foi considerado como coisa a ser evitada"(LACAN, 2002, pag 235)

⁴ O matema no mundo lacaniano e no mundo pré-lacaniano é rejeitado porque ele seria uma certa abstração matemática. Lacan se serve da abstração matemática por ela é, por excelência, uma linguagem convencional para justamente tentar reporduzir alguma coisa em outros lugares. Mas não vamos acreditar que é uma representação universal como os gregos acreditavam.

⁵ Lembrem-se estamos aproximando o louco do analista, mas é apenas uma aproximação, pode-se ver claramente uma ruptura da simpatia.

⁶ Nós bem sabemos que Lacan pode ser lido dessa maneira. Leu-se Lacan assim porque facilitava o entendimento. Mas estamos na hora de banir essa leitura de Lacan pelos lacanianos. A estrutura psicótica como uma estrutura no real. É um caminho perigoso que alcançará o o discurso da esquizofrenia como um problema genético.

caracterizar o acompanhamento terapêutico. "Enquanto acompanhante eu faço a mediação" diria alguém. Não. Essa idéia supor duas coisas e que, dessa forma, o acompanhante se comunicaria com as duas coisas e partir daí faz-se a troca. Ela supões uma ponte. O psicótico não gosta disso. Ele não está interessado em mediação. Estamira nos ensina muito bem isso: "Para que mediação? Eu estou falando a verdade se você não entende você é burro". A nossa mediação seria entre não-sei-o-quê e alguma coisa. Nesse ponto não é tão fácil fazer mediação. Não estamos falando aqui que nós queremos uma certa nomeação do Real? Que queremos dar um lugar para o singular? O singular pode ser tudo menos uma coisa. Se se pensar nesses termos a mediação seviria para nós. Ele tem algo estranho e do outro lado está o mundo sendo que a passagem entre esses dois seria secretariada pelo analista.

Há ainda outro engano que consite no fato da compreensão. Ou seja, -"Eu entendo o estranho", mas o que ele está vivendo é tão estranho. Lacan fala isso repetidamente no Seminário 3: As psicoses, não com essas palavras, mas com essa idéia " Desitam de compreender"⁷.

A propria idéia de metáfora também não funciona bem, uma vez que a metáfora não é uma coisa pela outra? Não é no lugar do analista, o secretário? Quando eu digo: "- O analista deve funcionar como um secretário" estou sobrepondo a idéia secretário sobre o analista. Isso supõe que haja duas coisas e quando eles se conectam eu entendo melhor o que uma delas.

Metáfora é um nome bem geral para falar do fato que é possível abstrair. Não é abstração? Não é isso? Há uma carga de sentido sobre um tema e sobre o outro, juntando-se os dois produz um tema que reúne os dois e, ainda que seja vago e abstrato, serve, mas não para o psicótico, já que ele não está interessado em coisas vagas e abstratas. Isso culminou no discurso da concretude que é logo entendida como retardo mental. Às vezes dizemos que ele não é capaz de dialetizar para fazermos o discurso politicamente correto. Que seja! Se nos dissermos que abstração - esse tipo de pensamento por analogia que produz novos sentidos e que proliferam podendo ir ao infinito - a afirmação faz sentido. Mas ficar significando até o infinito às vezes cansa. E, talvez os psicótico sejam os mais cansados. Estamira por exemplo, não tem muita paciência com esse tipo de coisa. Quando falarmos de bode-expiatório estaremos falando do cruzamento do bode com a fechadura e não do sacrifício dos bodes para redimir a pena de alguém remetendo-se aos hebreus e que veio a ser o que hoje é. Não é porque ele é bode-expiatório que ele tem que ser uma coisa só. Esse exemplo mostra bem.

O problema do que se chama concretude do psicótico não é que tem de menos e sim que tem de mais. É só imaginar: você é um animal. Se se falar isso para nós não há problema nenhum, mas às vezes é temeroso falar isso para um psicótico pois não se sabe que sentido isso pode ter. Não é que ele só tem um oculto, mas sim que justamente pra ele pode variar. Então animal concretamente para o psicótico é o proprio significante animal como diria Lacan. Essa palavra em nossa cultura reverbera para muitos lugares inclusive para bode-expiatório. Mas pluralização de sentidos é um problema. Então não é que a psicose tenha menos sentido ou menos abstração. É que a abstração encontra-se condensada em, alguma coisa. Por isso a afirmação de Lacan: Quando tiverem com psicótico desistam de compreender e busquem trabalhar

⁷ "Se se pode falar nesse assunto de loucura de caráter razoável, de conservação de clareza, da ordem e do querer, é por causa desse sentimento de que, por mais longe que nos adentremos no fenômeno, estamos no domínio do compreensível. Ainda quando o que se compreende não pode nem mesmo ser articulado, denominada, inserido pelo sujeito em um contexto que o explicita, isso já se situa no plano da compreensão. Trata-se de coisas que em si mesmas já se fazem compreender. E em consequência, nós compreendemos. Pois bem; de fato, não." (LACAN, 2002, pág 31)

tomando-o ao pé da letra.⁸ Entende-se, dessa forma, abundar na metáfora não vai ser o caminho privilegiado.

Partamos para o outro item mas pensemos na metáfora um pouco mais.

“O analista deve agir muitas vezes como o pintor que para aquecer o seu modelo quebra o mobília da casa e faz uma chama” Para que a modelo possa pousar ele quebra a mobília da casa não mede nada para que possa pintar. O pintor é o analista. O que o Lacan escreve para simbolizar isso:

$$\frac{\text{Analista}}{\text{Pintor}} \cong (+)$$

Agora entedemos problema, a metáfora é mais ou menos isso. O problema reside no fato de que no ambiente psicótico isso funciona mal. Então o que acontece:

$$f \frac{S'}{S} S \cong S (+) s$$

Vamos supor agora é que esse (+) na psicose não está grantido pela conexão dos dois S. Há algo que faz com que eles não se conectem. Então se antes eu tinha um sistema assim: que na junção desses dois termos Analista e Pintor eu tenho a impressão de que nomeie alguma coisa, mas que de fato não aconteceu por um colar no outro, a barra quer dizer isso.

Metáfora Paterna

Mas porque serviu? Porque alguém falou. Freud falou. Outro falando talvez não funcinasse. Há uma certa crença. Eu acredito em alguém e ele vem com a metáfora então funciona. É esse pequena peculiaridade da crença que a gente tem que colocar em jogo. Essa peculiaridade da crença que Lacan chama de o Nome-do-Pai. Não é a pessoa que falou, mas é a crença no fato de que a fala às vezes nomeia o real. Não é você exatamente mas é o fato de que alguém algum lugar sabe dizer as coisas como elas são. Se se partilha um pouco dessa crença a metáfora funciona. Isso aqui tá marcando pela barra. Em caso de suspensão ou perturbação dessa crença abre-se um espaço entre os dois. “Será que é pintor? Por que você está dizendo pintor?” Pluralizam-se as questões. Daí metáfora torna-se uma coisas chata dado o fato de sua inutilidade.

Espera-se agora alguma coisa que possa aparecer no lugar da barra fantante ou abalada que fixe os dois. Estamos dizendo que essa garantia dessa cola está em algum outro lugar que não está em nenhum lugar são no infinito. Tem-se o Real, depois um nome qualquer que vai falar desse Real, um outro nome que falará desse nome, e um outro que falará deste último, assim por diante. E essa conexão entre esses significantes está certa e é dada por alguém em algum lugar que falou direito, mas eu não preciso encontrar. Pode-se esquecer a origem e viver com as metáforas.

Lacan usou a idéia de metáfora para fazer essa primeira teoria que é a famosa metáfora paterna. Ela não é bem uma metáfora, pois ela é um nome sobre sabe-se-

⁸ Ver nota 7.

lá-o-quê, desejo da mãe⁹. Então, desejo da mãe, estranho, real são sobrepostos por um significante. A partir daí pode-se colar uma série de outros significantes nesse jogo de significantes significações e eles funcionam para minha vida.

Estamos na situação onde não se encontra a metáfora paterna. Que situação é essa? Ela é um pouco o encontro com o psicótico e ele é um pouco o nossos tempos. Nossos tempos são os poucos psicóticos. Não se tem mais a idéia tão sólida de alguém que em algum lugar saiba de tudo. Então a questão é justamente como fazer um ponto de basta que é justamente isso que um nome somado ao outro produza sentido sobre o Real. Quando não se tem essa crença a cola que liga os nomes não está mais tão grantida.

Não precisamos ir muito longe para pensar isso, basta alcançarmos o obsessivo. Esse questionamento de que o que é qua faz essa cola. Por que não outra coisa? Essa função da crença parece muito pesada porque tenho que me submeter a crença de um pai que sabe tudo. Inicia-se uma recusa disso através do trabalho intelectual para se livrar dessa cola. Saída que faz com que não exista mais um significante adequado. Há um bom exemplo disso. Samuel Beckett é o nome.

Ele é alguém largado porque não quer aceitar essa cença então o mundo se desconstrói e escorrega numa deriva tipo "mendigo no parque" encontra uma mulher e ela pelas razões dela adota ele. Leva ela pra casa. Ele não suporta aquela presença no banco que começa a cantar.

Bom leiamos: "Depois comecei a me afastar e me afastanto a ouvi cantar outra canção ou talvez continuação da mesma com a voz fraca e que ia enfraquecendo cada vez mais a medida que eu me afastava. E que finalmente calou. Seja porque ela tivesse parado de cantar ou por eu estar longe demais para poder ouvir. Eu não gostava de ficar numa incerteza desse tipo naquela época. Apesar de eu viver naturalmente na incerteza, da incerteza mas aquelas pequenas incertezas de ordem física, como se diz, eu preferia me desvencilhar logo delas. Porque elas me atormentam como as mutucas por semanas a fio. Dei então alguns passos para atrás e parei. Primeiro eu não ouvia nada, depois ouvia a voz, mas quase não ouvia tão fraca que ela chegava até a mim. Eu não a ouvia depois a ouvia. Portanto tive que começar a ouvi-la um dado momento, mas não, não houve começo. Tão soave ela saia do silêncio e tanto se assemelhava a ele. Quando a voz finalmente parou ainda dei alguns passos em direção a ela para ter certeza de que tinha realmente parado e não somente baixado depois um desespero: Como saber, a não ser estando do lado dela debruçado sobre ela. Então dei a volta fui embora para sempre cheio de incertezas como sempre."

Não é o nosso psicótico com certeza, mas o espaço dessa incerteza, uma vez que o Pai não está garantido a cola das coisas. Esse espaço ele não é tão estranho assim para em nossa prática. Esse exemplo marca muito bem isso. O encontro com essa angústia. Já entedemos que é nesse espaço que vamos situar o secretário. Nele que vai parecer alguma coisa perdida. E o primeiro termo que iremos falar que a propria idéia do secretário traz é a idéia de escrita.

O secretário e a escrita

A base para o que falaremos agora é uma lição do Seminário 20: Mais ainda que se chama A função do escrito. Nessa lição o Lacan está num ponto de intervalo entre alguma coisa que Jacques-Allain Miller vai chamar de dois corpos da escrita. Dois tipos de escrita, duas maneira de pensar a escrita. As duas concomitantemente.

⁹ O desejo da da mãe atualmente não portaria mais esse desconhecido como na época em que Lacan escreveu a metáfora paterna. Mas vale falar que para o bebê esse desejo materno ainda guarda essa estranheza.

Começemos pelo mais conhecido. Primeiro a concepção de a escrita como marca posterior, ou seja, algo que aconteceu que deixou uma marca. Uma coisa depois da outra. O evento é a vida e a marca escrita e gravada. A marca é memória do evento. Ainda nessa primeira concepção a escrita tem um valor muito forte, ela produz acontecimentos. Não devemos ficar pensando que a escrita é apenas o registro morto do acontecimento vivo. Quando se lê o Freud falando dos trilhamentos, que são facilitações, coisas que deixaram rastros. Tem-se a tendência a ler assim.

Mas alguém como o Jacques Derrida e o Lacan mostraram que não é isso que Freud está dizendo. É muito mais uma série de traços que estão lá e que se articulam para produzir acontecimentos. Em geral esses traços servem para que o acontecimento possa ser lido. Se chamarmos de acontecimento de sentido - aquele (+) da fórmula - esses traços, porque estão lá, na articulação deles com as coisas da vida pode se ter o sentimento de acontecimento.

A escrita vai ser: Fatos acontecem e marcas ficaram. Essas marcas num dado momento começam a funcionar para eu ler o mundo e não essas marcas fazem um a certa leitura do mundo. Pode-se ler o mundo de qualquer forma, agora, em cima de umas marcas que são diferentes, mas que não são do tipo causa e efeito. Se nós pensarmos assim teremos tantos problemas resolvidos. Ou seja, em poucas palavras, a causa efeito linear não funciona na psicanálise.

Essa concepção de escrita já introduz uma diferença em relação ao Nome-do-Pai. Uma série de marcas que aconteceram e uma imagem, uma crença, de que elas fazem sentido. Trocando em miúdos, se elas aconteceram porque alguém vai me explicar. Isso que é o Nome-do-Pai. Uma espécie de convergência em algum lugar e alguém vai dar o sentido pra minha existência. Não é assim que nos encaminhamos para a análise? Não é esse o sujeito-suposto-saber? Acontece que no processo analítico há uma desilusão desse saber. As marcas são encontradas, mapeadas, mas a idéia do Nome-do-Pai sustenta a unidade disso tudo. Caso contrário cairíamos numa espécie de multiplicidade/pluralidade do mundo enlouquecida.¹⁰

Nessa lição Lacan vai ter usar algo muito parecido com o Nome-do-Pai "Não há referência". Ou seja, alguma coisa que lá no fundo faz eu ser o que sou. Quando a gente fala o Nome-do-Pai, parece que é alguém que é uma instância superior. Não. É só uma espécie de referência do tipo "se eu sou chato existe alguma explicação para isso em algum lugar". A multiplicidade se dá pela essa falta de referência e essa é a situação do psicótico. Não tem explicação para as coisas. Eu não vou encontrar nas coisas. Por exemplo qual é referência do *Google*, qual a referência da internet? No momento em que se navega muito o referente perde um pouco a importância. Vários saberes dispersos sem referência clara, perde-se a noção do que é verdade e do que não é. E a questão é de como juntar essas coisas

Metáfora delirante e Estamira

Nessa hora que Estamira faz o que Lacan chama de metáfora delirante. Temos o poder real de um lado. Ela senta-se em frente ao coqueiro e fala "isso é o poder real" que ela nem sabe bem dizer. O resultado do que chamamos de metáfora delirante: A missão. A partir de onde pode-se produzir discursos belíssimos como o do resto e do descuido. Agora observem essa estrutura:

¹⁰ Estamos simplificando essa multiplicidade. Há dois termos, que não estamos achando a conexão entre eles. Há qualquer coisa de um vazio entre eles. Isso é uma simplificação de uma coisa que na verdade é uma espécie de rede onde está faltando algum múltiplo comum que reúna o que chamamos de estranho, real com o mundo, simbólico.



Ela não é bem uma metáfora do jeito havíamos definido. Mas há o poder real (ela diz que ela revelará o poder real, mas ela não revela) e há resto e o descuido, e que as pessoas tem que saber economizar, que aquele que criou o homem como único condicional não criou para robar. Enfim, uma série de coisas que qualquer pessoa poderia concordar com sua sensatez. Em cima do real que não tem nome, como ela conseguiu inserir todo um discurso usando como cola a idéia da missão?

No meio aparece a idéia de uma escrita que não é exatamente uma escrita que é marca do que já foi, mas que também não é uma escrita do tipo computador feita de várias marcas estranhas. É uma escrita que faz um laço. Tem qualquer coisa que faz conectar e funcionar.

O principal aqui é pensar que a metáfora da missão não sobrepõe o poder real. A missão não nomeia o real, faz sentido se percebemos que o poder real é algo que ela não fica falando repetidamente. "Eu entendo o poder real e tenho que revelar" talvez dissesse Estamira. Mas revelar o quê? Se isso for perguntado para ela? Ela não vai dizer. O que vai ser dito é sobre o resto e descuido. Então, essa amarração do discurso meio aleatório é o que Lacan vai começar a desenvolver chegando àquilo que nos é conhecido como nó borromeano. Algo que precisa ser amarrada seguindo um pouco a idéia da bricolagem e que se reúne os pedaços que tem a ver com ela, mas que não tem grandes sentidos, mas, se eles funcionarem, está bom. Para que haja um melhor entendimento precisamos nos debruçar melhor sobre as falas da estamira.

A história da missão e do delírio é um pouco clássica e a gente conhece já. E inclusive é um delírio meio comum, mas o que a gente não está falando tanto talvez, além da função do Marcos Prado que se encontra no texto, é a função do lixo. Lembrem-se da a cena em que ela acha uma embalagem cheia de palmito no lixão e fala: "- Isso aqui dá uma sopa maravilhosa". "Eu faço dinheiro" diz Estamira. Poderíamos classificar como um discurso insensato, mas ao mesmo aquele resto é transformado.

Concomitantemente há a idéia de que ela casou com o Doutro Cisco Montura, que é o lixão encarnado. Então tem uma manipulação, pois existe um poder real e existe o resto e Estamira demonstra que é genial porque transforma o resto em dinheiro. "*I make money*" semelhante a qualquer milionário que faz dinheiro. Os tempos de hoje são meio assim, as pessoas fazem dinheiro instantaneamente. Ela tá mostrando como ela também faz isso, mas em vez de ser uma escrita meio fluída do *Google* ela tá fazendo isso com a inscrição dos restos na cultura de volta. Ela retira o palmito do lixão que não é nada senão um resto e faz um prato. Recolhe o lixo, seleciona e vende. Operação que conecta e estabiliza coisas, mas não só porque ela ganha dinheiro, mas que produz uma estabilidade no discurso, algo do tipo "- Eu faço isso e aquilo e como isso dá naquilo sempre que eu fizer isso vai dar aquilo". Claro que não temos algo fundamentalmente normal mas chegamos a um ponto bastante normal. Essa é a idéia da bricolagem, a idéia de que isso faz um nó. Na hora que se junta o lixo, poder real, e Dr. Cisco Monturo e a missão e tudo isso se enlaça temos alguém estabilizado. Ou seja, tem a capacidade de separar as coisas ainda que algumas vezes uma dessas coisas possa ser mil coisas, como todos nós.



Amarração

Tragamos outro caso para concluir um pouco com Estamira. Uma situação clínica para pensar o que vai se materializar nesse meio em que no caso de Estamira foi preenchido pela missão, pelo fato de que isso que acabamos de falar tem uma certa analogia com o que poderíamos chamar de clínica da neurose.

A conexão do poder real e do resto é estabelecida um pouco pelo Dr. Cisco Monturo. Causa horror aquilo por denunciar que nossas coisas não estão bem organizadas como pensávamos uma vez que damos esse espaço como fechado. Em uma análise esse espaço será aberto. A conexão entre aquilo que eu falo de mim e aquilo que eu falo fica estranha. Começam a se materializar uma série de idéias que não são encaixadas facilmente.

Era uma pessoa, uma mulher, que estava num momento de realização, talvez a grande primeira realização, um grande evento que ela estava organizando. E ela começa usar com seus supervisionados uma expressão "Agora só falta correr para o abraço". Ninguém entende porque são só mulheres. Ela explica que correr para o abraço é uma expressão do futebol no momento em que o gol está como dado. Ela faz análise pensa nessa história e lembra do pai, já morreu há alguns anos e o pai falava isso "correr para o abraço". Essa fala deixou marcas, tanto que ela está usando hoje.

Ela percebe que tem alguma coisa do universo masculino que ela possui pelo contato com o pai que as mulheres com que ela trabalhava não tinham. Ela tem um tipo de circulação no meio masculino facilitada pelo pai. Ao mesmo tempo uma espécie de falta porque o abraço do pai vinha quando ela fazia gol não exatamente porque ela era ou queria. Há algo na história que ela lamenta por o abraço desse pai não ter chegado. O abraço que ela queria e não o que ele daria após o gol. Então ela tá numa espécie de falta em termos, mas uma espécie de inibição feminina por causa do pai que era todo "terrorista" por assim as coisas funcionarem. E uma espécie de carência, uma pergunta: "o que que poderia ainda vir do pai?" Algo que poderia aparecer que poderia conectar essas duas parte.

No momento em que ela está indo para o evento. Então ela percebe que tem uma propaganda presa no parabrisa. Nesse papel está escrito: "No mês dos pais, dê um plano unimed e corra para o abraço, carência zero".

Bom sabemos então que nesse meio apareceu a propaganda da Unimed. O que fazer isso como isso? Três leituras básicas e além dessas, uma que será a nossa. Primeira leitura é: Veio do além. Chamos isso de não há relação sexual, ou seja, existe uma fenda que não pode ser tamponada. Segunda leitura, se eu for estudante de psicologia é dizer que Freud explica: Nós estamos no mês dos pais futebol é coisa masculina, "correr para o abraço" é uma expressão quer-se agradar o pai e propagandistas sabem disso. Ou seja, não tem nada a ver o pai não mandou mensagem nenhuma. Terceira possibilidade: A possibilidade delirante: "Eu estou em comunicação telepática com meu pai na verdade sempre estive ele fala pela minha boca, ele está me mandando mensagens sempre em todo lugar". As coisas são síncronas como diria Jung. E o fato de tudo querer dizer algo é uma coisa especificamente feminina. Nós estamos nesse ponto que é o ponto do psicótico é o ponto do analista e o ponto do feminino. Tudo pode significar agora a questão é saber o que fazer com essa significação.

A leitura que se pretende demonstrar concerne à idéia da escrita. Existe esse "correr para o abraço" que diz sobre uma coisa que foi dita ou veio a se inscrever em alguém que está pensando no assunto com analista, pois poderia ter aparecido em qualquer momento e nem ter sido pensado, ou ter sido pensando como além. Mas por ela estar em análise que esse fato parece servir. Ou seja, algo deve ser feito com "correr para o abraço" e que pode ficar reduzido quando se pensa que é algo do além.

Há algo concreto naquilo ali. O "correr para o abraço" agora nomeia um tanto que é dela e um tanto que é do pai, porque foi na sua situação que a coisa aconteceu. Ele nomeia uma coisa do pai, mas que ao mesmo tempo é só sua e que não nomeia mas não diz o que é. Mas ele já conecta uma possibilidade de uma realização por não mais está assombrado pelo fantasma do pai e eu posso abraçar também. E esse abraço vai ser tudo menos masculino. Uma espécie de leitura ilegível porque "correr para o abraço" não diz nada do ser dela, e ao mesmo tempo conecta alguma coisa que faz com que o ser dela se apresente com o que caíramos de estilo próprio.

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 2007

Referência Bibliográfica

LACAN, Jacques. O Seminário 3: As psicoses. Rio de Janeiro, JZE, 2002

Notas estabelecidas por Leandro Reis.